

## O DIÁLOGO NA ESCOLA COMO UMA POSSIBILIDADE PARA A REFLEXÃO SOBRE A SEXUALIDADE E O GÊNERO

Luiza Maria Alfredo da Silva<sup>1</sup>; Maria Renally Braga dos Santos<sup>2</sup>; Betânia Maria de Oliveira Amorim<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande – [mariaalfredo98@gmail.com](mailto:mariaalfredo98@gmail.com);

<sup>2</sup>Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande – [mariaarenally1@gmail.com](mailto:mariaarenally1@gmail.com) <sup>3</sup>Professora Dra. Do curso de psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande – [betania\\_maria@yahoo.com.br](mailto:betania_maria@yahoo.com.br)

**Resumo:** O presente artigo desenvolve-se a partir de um relato de experiência das atividades desenvolvidas na ação extensionista, Diálogos sobre a sexualidade com os adolescentes, realizada com aproximadamente, 90 estudantes de uma escola pública estadual, situada na cidade de Campina Grande – PB. Ao longo de nove oficinas, no período de agosto a novembro de 2017, buscamos abordar temas que circundam a sexualidade visando a redução da vulnerabilidade dos adolescentes às DST's e à gravidez não planejada, bem como aos valores, preconceitos e tabus que permeiam as relações de gênero. Como aporte de trabalho, tomamos como referência a pedagogia problematizadora preconizada por Paulo Freire e os pressupostos das metodologias participativas, cujo foco reside em trabalhar os problemas/tensões, refletindo sobre estes, para criar possíveis soluções. Nesta perspectiva mobilizamos os estudantes para o exercício da reflexão de temas relacionados à sexualidade e ao gênero visto que, estas questões ainda são geradoras de conflitos e tensões na escola, na família e na comunidade. Observamos que os adolescentes possuem muitas dúvidas e interesses em discutir as questões atinentes a esta temática, devido a inexistência de um espaço favorável para esta finalidade na família e na escola, além de que, gradativamente, eles foram se tornando protagonistas do processo, posicionando-se de forma crítica e reflexiva. Desse modo, avaliamos como satisfatório os resultados obtidos, pois, podemos reiterar o diálogo como uma ferramenta potente podendo viabilizar desconstruções de preconceitos, tabus, valores e crenças sociais historicamente construídas em torno da sexualidade, além de possibilitar novas construções a respeito da mesma.

**Palavras-chave:** sexualidade, adolescência, diálogo.

### INTRODUÇÃO

De acordo com Cerqueira-Santos, Neto e Koller (2014), a psicologia estuda a adolescência desde o início do século XX. Para estes autores, anteriormente, esta fase da vida representava um período conturbado e tortuoso e, atualmente, percebe-se que a adolescência pode ser definida como uma época de mudanças biológicas universais e visíveis, pela puberdade e pelo desenvolvimento sexual. Entretanto, não só de variações fisiológicas podemos caracterizar tal momento, havendo também aspectos sociopsicológicos envolvidos, tornando a vivência da adolescência uma experiência individual relacionada à cultura e ao contexto histórico.

Desse modo, a adolescência caracteriza-se por mudanças sociais, psicológicas e biológicas atravessada por conflitos, tensões e questionamentos em relação a vários aspectos, entre os quais a sexualidade. Para Furlani (2009), a adolescência é uma construção histórica e social, moldada por discursos e instituições políticas que tornam certos saberes hegemônicos, assim como revestida de

mitos e tabus. Tais instituições são resultado de representações culturais e sociais, postas em prática pela família, mídia, medicina, escola, leis e religião, cujas normas regulam os gêneros, os corpos e as sexualidades (LOURO, 2016).

Compreendendo que a adolescência é um período de transformações, construções e curiosidades, a proposta do projeto visou criar um espaço dentro da escola para possibilitar ao público atingido o espaço onde as dúvidas e o debate pudessem circular, mantendo como base o respeito às falas dos adolescentes sobre os temas escolhidos por eles. De forma que, a priori, eles foram consultados acerca do sentido da sexualidade para eles e quais os temas os mesmos preferiam que fossem utilizados como referência para cada oficina realizada. Dessa maneira, a via do diálogo foi norteadora do desenvolvimento do projeto.

Segundo as considerações de Louro (1997) a respeito da sexualidade, esta é delineada como algo que se constitui a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normalizam, que instauram saberes, que produzem "verdades" e que, sobretudo tem relação com as palavras, as imagens e as fantasias com o corpo. De modo que, só é possível compreendê-la a partir dos elementos sociais e culturais que a englobam. A partir disso, foi necessário reforçar a sexualidade, para o público-alvo, como uma esfera da vida humana expressa no cotidiano e nas vivências e não estando apenas e estritamente vinculada a noções biológicas como DST's e gravidez não planejada. Após o esclarecimento da importância de uma compreensão geral desse ponto para os estudantes, eles puderam então aumentar o leque de temas acerca do proposto e trazer situações corriqueiras e passíveis de passar despercebidas.

Informações sobre as temáticas trabalhadas, apesar de terem massiva circulação através de veículos de comunicação, não trazem consigo um caráter reflexivo na sua transmissão. Portanto, não produzem questionamentos, tal qual igualmente não problematizam posições e papéis pré-ditos para os corpos, logo, pouco acrescentam na formação de um posicionamento firme dos sujeitos sobre a sexualidade. Sendo de considerável importância o investimento de espaços problematizadoras para esse assunto com os adolescentes, pois, como aponta Amorim (2012), as pesquisas revelam que meninas instruídas, em geral, têm menos tendência a casar-se cedo e a engravidar na adolescência, além de que, para ambos os gêneros, apresentam conhecimentos abrangentes e corretos sobre HIV e AIDS.

Partindo de uma perspectiva de pedagogia problematizadora baseada nos princípios de Paulo Freire, onde o mesmo (1996) pontua o “por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina”, foi adotado entre as

responsáveis pelas oficinas uma postura não hierarquizada em relação aos estudantes, possibilitando uma construção de saberes a partir também das experiências que os estudantes haviam dessa temática. Nesse sentido, foi possível uma relação horizontalizada, diferente do usual relacionamento aluno-professor, onde um detém o poder e o saber sobre uma determinada matéria.

Para atingir o objetivo pleiteado, foram utilizadas nos encontros com as turmas metodologias participativas aliadas a dinâmicas, para mobilizar ao máximo os participantes para a atividade desenvolvida. Assim, foi realizado um total de nove encontros com as turmas do 9º manhã, 3º ano manhã e 3º ano tarde, proporcionando ao público alvo a reflexão crítica sobre a vivência da sexualidade no cotidiano.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo de cunho qualitativo realizado com estudantes do 9º ano B, 3º ano A e 3º ano B do ensino fundamental e médio de uma escola pública, situada na cidade de Campina Grande – PB, com o objetivo de compreender as concepções dos adolescentes acerca da sexualidade. Para tanto, inicialmente utilizamos como instrumento de coleta um questionário com 4 questões, por meio do qual, identificamos dados sócio-demográficos (questões 1 e 2) assim como os temas de interesse (questões 3 e 4) com relação a abordagem da sexualidade destacados pelos alunos em questão. Na questão 3, solicitamos que fossem citados 5 assuntos/temas/conteúdos relacionados a sexualidade adolescente. Em seguida, na questão 4, solicitamos que, tomando como referência os assuntos/temas/conteúdos relacionados na questão anterior fossem identificados 2 considerados mais importantes.

Aliado a coleta de dados, utilizamos como ferramenta, uma adaptação da matriz SWOT, na qual os participantes puderam escrever sobre os *medos, vontades, discriminação e desafios* relacionados a sexualidade, para um levantamento de dados a respeito da temática.

Ao final do projeto foi aplicado outro questionário como instrumento de coleta de dados acerca da avaliação do público participante ante os encontros, por meio do qual, novamente foi identificado dados sócio-demográficos (questões 1 e 2), assim como a atribuição de valor ao nível de satisfação, sendo o valor 1 “*nada satisfatório*” e o valor 5 “*muito satisfatório*”. Os itens avaliados correspondiam aos “Conteúdos programáticos e métodos” contendo 7 subitens a serem avaliados; “Sobre as responsáveis pelas oficinas” contendo 4 subitens a serem avaliados; e “Sobre as oficinas e desenvolvimento pessoal” contendo 6 subitens a serem avaliados.

Além do referido instrumento de coleta, é importante considerar a utilização do Diário de Campo. "O diário de campo nada mais é que um caderninho de notas, em que o investigador, dia a dia, vai anotando o que observa e que não é objeto de nenhuma modalidade de entrevista" (Minayo, 2014, p. 95). Este recurso mostrou-se uma ferramenta de trabalho essencial para a construção e qualificação do nosso trabalho, uma vez que, possibilitou o registro das vivências, reflexões e percepções.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O público atingido foi de 94 alunos, com faixas etárias variando entre 13-27 anos. Na aplicação do primeiro questionário, salienta-se, ainda, que mesmo com a explicação sobre como deveria se proceder a realização do questionário, alguns jovens não responderam os cinco temas solicitados na questão 3, assim como alguns alunos não repetiram os dois temas requeridos na questão 4, colocando novos conteúdos além dos discriminados na questão 3.

Percebemos a emergência da curiosidade dos adolescentes acerca da diversidade sexual, como tentativa de lidar com o diferente e o incomum. A falta de discussão na família e na escola, a respeito deste assunto pode ser uma das razões pelas quais esta questão tenha sido ressaltada. O questionamento sobre as relações de gênero, e principalmente o destaque da hierarquização de gênero nas relações, se tem encontrado espaço para apontar as diferenças do ser homem e ser mulher na sociedade cada vez mais cedo. Os adolescentes percebem a existência de certos privilégios reservados aos meninos, que não alcançam as meninas, e as atividades impostas a elas não se estendem a eles. Esta percepção vai ao encontro das construções de Louro (1996), em relação que homens e mulheres são construídos por meio de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, frequentemente, diversas), salientando que os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder. Os estudantes concordam com relação a existência de uma sociedade patriarcal, que submete o sexo feminino a condições desiguais e opressoras o que vem a ser um aspecto interessante na compreensão acerca das relações de gênero. Louro (1996) pontua que a concepção que atravessou grande parte dos Estudos Feministas foi, e talvez ainda seja, a de um homem dominante versus uma mulher dominada - como se essa fosse uma fórmula única, fixa e permanente, a qual, esta apesar de ser contemporaneamente problematizada, ainda é produzida e compartilhada pela sociedade. Sendo assim, é possível reiterar que a desigualdade de gênero

incomoda, enfatizando principalmente o público de adolescentes, e deve ser debatida e questionada no espaço escolar.

Devido ao entrelaçamento da sexualidade com o sexo, o caráter biológico desse tema é objeto de muita curiosidade. As doenças e a gravidez decorrentes da prática sexual tem destaque no discurso questionador dos adolescentes. A informação dos perigos da falta de prevenção no sexo não é acompanhada de espaços de reflexão, ou mesmo não são muito claras, no qual, a maior fonte de informações que são as mídias forma geral, de acordo com Amorim (2012) esta publicidade direcionada ao público adolescente, em relação à sexualidade, tem sido pouco eficaz quanto ao objetivo a que se propõe, a saber: influenciar os jovens no que compete a opiniões, reflexões e a tomada de decisão, de forma responsável, referido a sua vida sexual.

O questionário aplicado para a avaliação dos estudantes acerca dos encontros buscou avaliar três aspectos gerais, a saber: conteúdos programáticos e métodos; sobre as responsáveis pelas oficinas e sobre as oficinas e o seu desenvolvimento pessoal. A avaliação proposta utilizou uma escala de variação de 1 a 5, na qual 1 correspondia a nada satisfeito e 5 correspondia a muito satisfeito.

Com relação aos conteúdos programáticos e métodos, observa-se que a maior parte do adolescentes mostrou-se interessada no projeto de extensão, nos conteúdos e na quantidade de oficinas por eles trabalhados. Observa-se que, entre 36 e 53 alunos escolheram a opção 5 (muito satisfeito), sendo esta a opção predominante. Contudo, no ponto “duração do tempo das oficinas”, a maior parte dos alunos, 32, preencheram a opção 4. Essa última dominância pode está relacionada ao fato que, em algumas turmas, a temática de um encontro necessitou de ser concluída no encontro posterior, devido a imprevistos da rotina escolar dos alunos. Além disso, tal fato pode ser atribuído a carência de um espaço do público-alvo para a discussão das temáticas sobre as sexualidades, e esta ser uma das razões de desejo dos alunos, que o tempo dos encontros fossem maiores.

Na segunda tabela do quadro, sobre as responsáveis pelas oficinas, a maior parte do alunado mostrou-se muito satisfeita com as extensionistas, no que tange respeito ao estímulo e a motivação destas últimas para com os alunos, algo que se refletiu no relacionamento satisfatório entre ambos. Desta maneira 58 a 68 alunos preencheram a opção 5.

Na terceira tabela do quadro, sobre as oficinas e o desenvolvimento pessoal, o alunado declarou que estiveram, em sua maioria, satisfeitos em relação à utilidade dos conteúdos trabalhados, principalmente na construção individual e cotidiana dos alunos, recomendando o projeto inclusive para outras turmas. Enfatizando também a questão, que em sua maioria,

demonstrou que o projeto de extensão colaborou para a modificação de concepção sobre a sexualidade, o qual este ressaltou uma das importantes contribuições do projeto para a comunidade participante.

A partir da devolutiva do público-alvo, os alunos consideraram que a extensão os permitiu falar acerca da sexualidade, tema este ainda de difícil debate na escola e, principalmente na família, devido aos tabus e mitos que o circundam. Desta forma, através do espaço promovido pelo projeto, foi possível aos adolescentes trocar experiências de vida, pensamentos e opiniões críticas sobre os temas trabalhados, onde ao final, os mesmos perceberam que a sexualidade não se restringe apenas às relações sexuais e ao biológico.

No decorrer dos encontros, ao sentir-se confortável os alunos puderam expressar assuntos íntimos de suas vivências, tais como agressões, abuso, preconceito, valores. A extensão e os assuntos abordados nela também serviram como uma forma de conhecimento para algumas atividades curriculares dos adolescentes, a exemplo de um dos alunos que buscou as extensionistas para uma entrevista informal para o jornal da escola, buscando saber como a homossexualidade é tratada no espaço acadêmico.

As estratégias metodológicas utilizadas, como as oficinas ligadas às metodologias participativas, possibilitaram uma nova relação entre os adolescentes na sala de aula, afastando-se do modelo hierarquizante professor-aluno, onde o estudante fica em posição inferior ao professor, levando os alunos a assumirem um papel ativo na construção do saber. Os adolescentes que a princípio não se permitiam envolver nas atividades realizadas, fossem orais quanto escritas, passaram a interagir mais com a turma e os com as discentes do projeto nos últimos encontros. Pois como afirma Paulo Freire (1996) educar exige disponibilidade para o diálogo, considerar as experiências do outro e mergulhar nas realidades ali apresentadas, e o testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sabe-se que a adolescência é um período bastante interessante para exploração e investimentos, pois é nela que se é possível formar a consciência crítica do sujeito. E é neste período, em que há maior diversidade de manifestações da sexualidade nas vivências dos

indivíduos, fazendo-se necessário a presença de um aporte de conhecimentos reflexivos para que se vivenciem de forma saudável as demais fases da vida.

Com isso, a execução do projeto possibilitou apreender que, na perspectiva dos adolescentes, a sexualidade se apresenta como algo importante, todavia, ainda vemos arraigados certos preconceitos e posturas por vezes contraditórias, por vezes confusas, o que vem refletir o caráter de instabilidade que caracteriza este momento do desenvolvimento. E todo o investimento nessa fase e nessa temática pode vir a implicar em variados efeitos positivos, tais como a consciência na sua vida sexual, a prevenção de doenças e/ou gravidez precoce, o respeito com a diversidade de gênero e sexual, entre outros.

Desse modo, consideramos como satisfatória a realização do projeto na escola, pois foi capaz de proporcionar um espaço onde a noção de sexualidade pôde ultrapassar questões biológicas. O diálogo se mostrou engrenagem importante nesse processo problematizador e apareceu como novidade aos alunos, acostumados a não serem chamados à reflexão e ao enfrentamento de tabus e preconceitos. No qual, a extensão possibilitou comprovar que o diálogo é a via para construção e reflexão dos saberes, e ações como estas são necessárias para a nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Betânia Maria de Oliveira. **Sexualidade e mídia na formação docente**. 2012. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- CERQUEIRA-SANTOS, Elder; NETO, Othon Cardoso de Melo; KOLLER, Sílvia H. Adolescentes e adolescências. In.: HABIGZANG, Luísa Fernanda; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia H. (Orgs.). **Trabalhando com os adolescentes – teoria e intervenção psicológica**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. A educação sexual nossa de cada dia. **Revista Linhas**, v.7, n.1, 2016, p.1-21.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 27 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 23 ed. Paz e Terra: São Paulo, 1996.
- FURLANI, Jimena. *Mitos e Tabus da Sexualidade Humana: subsídios ao trabalho em educação sexual – 3. ed.*, Belo Horizonte: Autentica, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho-ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2ª edição; 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 77-92.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexo e sexualidade. In.: LOURO, Guacira Lopes, **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 21-29.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e poder. In.: LOURO, Guacira Lopes, **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 37-55.

MEYER, Dagmar E. E. Corpo, Gênero e Sexualidade: desafios para a educação escolar. In.: MEYER, Dagmar E. E.(org.) **Saúde, sexualidade e gênero na educação de jovens**. Porto Alegre: Mediação, 2012, p.59-92.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª edição. São Paulo: Hucitec, 2014.

SAYÃO, Rosely. A educação sexual nossa de cada dia. **Revista Série Idéias**. São Paulo: FDE, n.28, 1997, p. 269-281.

